

Breves pensamentos e constatações acerca de expressão cênica de corais

por Patricia Costa.

Sobre direção cênica

1. Tenha como expressividade cênica uma ajuda, uma aliada ao trabalho do coro, e não um fim. Caso contrário, mude o nome do grupo de Coral _____ para Grupo Teatral _____ .
2. É tão difícil encontrar um cantor que represente bem, quanto um ator que cante bem. Portanto, optando pelo viés cênico, saiba desenvolver este potencial no seu grupo, tendo em mente que nem sempre o resultado cênico estará à altura do nível musical (ou vice-versa!).
3. Na dúvida, contrate um profissional! Ele deverá estar apto a extrair o melhor de seu grupo, com exercícios e práticas dirigidas para tal. Como disse Reynaldo Puebla, “um trabalho mal feito acaba como um sofá-cama; não é bom nem como sofá e nem como cama...”!
4. Ajude o diretor cênico nas questões musicais. Ele pode ser muito criativo, mas não tem obrigação de saber que alguém tem que dar a afinação ou a entrada pro coro. Ou que uma peça que parece simples possa exigir concentração absoluta dos cantores.
5. O trabalho cênico só se desenvolve quando o coro já está seguro do que está cantando.
6. Participe ativamente dos ensaios cênicos, pois a expressão do regente é tão fundamental quanto à do coro, seguindo-se esta proposta.

Sobre o processo de criação em corais

1. Repetição (inteligente) é o grande segredo. Quanto mais experimentamos uma proposta, mais encontramos possibilidades, soluções criativas e desafios.
2. E por falar em desafios, não os deixe de lado. Muitas vezes, a solução interessante vem justamente da dificuldade, da mesma forma que uma primeira solução costuma ser a mais fácil e menos criativa. Use o bom senso.
3. O grupo só ousa experimentar se não houver censura. Para isto, é fundamental uma atmosfera de confiança mútua. Jogos e dinâmicas facilitam esta relação do grupo.
4. Não dê espaço para críticas antes da experimentação repetida diversas vezes. Corre-se o risco de ter o comentário do tipo “não vi e não gostei!”.
5. Para a insistência do “não acho legal” (!?!), use o “então, nos dê uma ideia que substitua a que está sendo pedida”.
6. Saiba podar! A “intimidade” costuma garantir criatividade, mas também gera campo para excesso de ideias. Não peque pelo exagero... proteja seu espaço e, sobretudo, a sua proposta.
7. Um coralista “apagado” chama tanta atenção quanto o coralista “pavão”. Sem perder as singularidades, procure equilibrar as atuações. Um vídeo do grupo pode ajudar aqueles que não têm muita consciência de sua *performance* no grupo.
8. Aliás, é assistindo ao vídeo de uma apresentação que flagramos determinados cacoetes de nossos coralistas. Por exemplo: arrumar o cabelo obrigatoriamente na hora dos aplausos; afinar com a ajuda do dedo indicador pra cima; todo o coro dar um passo atrás no agradecimento e o regente se tornar um “flanelinha” chamando o grupo pra frente, etc. Da mesma forma, cacoetes de regentes ficam evidentes no vídeo: reger silabando a letra para “ajudar” seus cantores; entrar ou sair arrastando os pés, dançar mais que os próprios cantores, etc.
9. Nunca subestime a plateia! Sublinhar o texto com gestos óbvios, não!
10. Peça aos coralistas que tentem sintetizar uma determinada música em duas palavras (de preferência dois adjetivos). Em seguida, peça que o grupo cante explorando (focalizando) essas duas características. Esta prática costuma trazer gratas surpresas à interpretação da peça, tanto no âmbito musical quanto no cênico.
11. No ensaio geral, faça o grupo estar com a roupa e adereços que serão usados na apresentação. Isto evita surpresas desagradáveis de última hora... como uma cadeira que atrapalha a movimentação, um sutiã

apertado, um chapéu que insiste em cair, um sapato lindo mas que faz bolha, um penteado que dá dor de cabeça, um cinto que não permite o uso do diafragma, etc...

12. Tanto adereços como figurinos podem ser um grande serviço à apresentação; mas se não forem devidamente experimentados e/ou manuseados, podem se tornar o maior desserviço ao seu grupo.
13. Apure seu senso estético! Quanto mais espetáculos você assistir (show, teatro, balé, dança contemporânea, concerto, exposição, etc.) mais chances terá de escolher o que quer.

Sobre o roteiro

1. Vamos combinar: roteiro é fundamental, independente do tempo de apresentação. É o encadeamento das peças que ajuda o coro a elevar (ou derrubar) o ouvinte.
2. No Brasil, tudo pode terminar em pizza... ou em samba! Escolha a segunda opção e terá uma decolagem garantida.
3. A primeira peça apresentada deve tirar o fôlego da plateia, mas não do coro! Deverá ser uma peça que o grupo cante com segurança e relativa tranquilidade, pois já há muita dispersão no início de uma apresentação.
4. Peças mais difíceis, que exijam preparo físico e/ou vocal ou que estejam sendo estreadas naquela apresentação, não devem ficar nem no início e nem no fim do show. De uma lista de 10, um terceiro lugar é de bom tamanho.
5. Nem toda cena de teatro termina com blecaute. E nem toda música, na apresentação de um coral, exige mudança de posição dos coralistas. Deixemos o perigo da sincronicidade para a Esquadrilha da Fumaça, que saberá fazer melhor!
6. Blocos encadeados costumam funcionar bem. Tais blocos podem ser pensados pelo estilo, pelo autor, pelo tema, pela tonalidade, pela nacionalidade, pela proposta cênica, etc. É interessante juntar músicas e deixar a plateia com vontade de aplaudir!
7. Saiba distinguir uma peça que predomina “pra cima” e uma que é “pra baixo”. Faça blocos destas e obviamente não comece e nem termine sua apresentação com a turma do “pra baixo”.

Sobre o repertório

1. Antes de mais nada, dedique longas horas meditando sobre sua proposta de repertório e os recursos necessários. O que exatamente você pretende com seu grupo e com a escolha das músicas? O que você quer comunicar à plateia? Ousadia é muito bacana, mas margem de segurança é fundamental.
2. Procure adequar o repertório ao coro que você tem conforme a proposta que você pretende. Determinados estilos exigem preparação especial e nem sempre contamos com os coralistas que gostaríamos.
3. Alinhar uma apresentação visando unidade é muito interessante. Junte todas as músicas e tente achar o ponto em comum. Se não o encontrar, perca a cerimônia e... invente um!!
4. Se a música é de difícil execução, limite-se a executá-la! Já se a música for interessante, mas sem exigir muito do cantor (em termos de emissão vocal, concentração, ritmo, etc), então dê asas à imaginação e busque a expressividade mais fiel à proposta da peça.

No mais, seja humilde para reconhecer que nem toda ideia que lhe parece genial no pensamento surtirá o efeito desejado na prática.

Seja humilde também para entender que seu coralista pode trazer soluções cênicas muito interessantes, mesmo que quem esteja investindo neste curso seja você e não ele!

E nada melhor do que saber rir de si mesmo...